

ECC

Estudos de
Comunicação
e Cultura

Cognition
and
Translatability

Mudam-se os tempos, mudam-se as traduções?

Reflexões sobre os vínculos entre (r)evolução e tradução

Alexandra Lopes
e Maria Lin Moniz [coord.]



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
EDITORA

Introdução

Elogio de Babel como espaço de dispersão

I. Da tradução como lugar na raia.

Like all people, we perceive the version of reality that our culture communicates. Like others having or living in more than one culture, we get multiple, often opposing messages. The coming together of two self-consistent but habitually incomparable frames of reference causes un choque, a cultural collision.

(ANZALDÚA 1987: 78)

Apesar de não se referir a ele em sentido estrito, a citação com que abrimos esta reflexão descreve, de forma feliz, o lugar que a tradução ocupa – também ela corporiza esse «coming together of [at least] two self-consistent but habitually incomparable frames of reference». Por mais domesticada que seja, a tradução institui sempre um lugar de confronto – o tal choque de que fala Anzaldúa – entre modos de ver, entender e estar no mundo: o de quem traduz e o de quem é traduzido.

Não só os campos semânticos não se sobrepõem, como também as sintaxes não são equivalentes, as estruturas fráscas não veiculam as mesmas heranças culturais; e que dizer das conotações meio mudas que sobrecarregam as denotações mais precisas do vocabulário de origem e pairam, em certa medida, no meio dos signos, das frases, das sequências curtas ou longas? É a este complexo de heterogeneidade que o texto estrangeiro deve a sua resistência à tradução e, neste sentido, a sua intraduzibilidade esporádica. (Ricoeur 2005: 15)

Neste sentido, o texto traduzido abre uma ferida na língua e na mundividência da cultura de acolhimento, que as obriga a olhar para o outro como outro, singular e, de certa forma, irredutível na sua diferença: «Une traduction est presque toujours regardée tout d'abord par le peuple à qui on la donne comme une violence qu'on lui fait» (Hugo, *apud* Guille 1950: 339). Na radical diferença do outro, construída sobre aquilo a que Schleiermacher chamava «a irracionalidade das línguas», se enraízam as discussões de séculos em torno da intraduzibilidade – no século *xxi* agudizadas pela crescente intransigência dos discursos identitários.

Porém, esta ferida – ou choque – (também) produz saber e rasga horizontes, porque o encontro resulta *de* e resulta *em* movimento literal e conceptual – movimentação que desaloja e impele à mudança de ângulo de visão, à revisitação problematizadora de posições tidas por universais, ao autoquestionamento e à (r)evolução.

Deste modo, a tradução parece habitada, conceptual e concretamente, pela vontade de mudança, pelo apelo da palavra do outro. Como afirma Paul Ricoeur, trata-se, na tradução, de uma «[h]ospitalidade linguística [...] em que o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber, na sua própria morada de acolhimento, a palavra do estrangeiro» (Ricoeur 2005: 21). Este gesto para o outro constitui, de resto, já um movimento que prenuncia consequências possíveis de traduções concretas.

A segunda metade do século *xx* foi, pode dizer-se, moldada pelo movimento – tanto o movimento físico como a mobilidade intelectual e imaginativa. Enquanto tempo de vários «pós» (pós-estruturalismo, pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo, pós-humanismo, etc.), os últimos sessenta ou setenta anos constituíram um espaço de indagação e resistência a valores tradicionais e certezas seculares, de (r)evoluções radicais na ciência, tecnologia, política e finanças, de utopias, desilusão e da (re)emergência de autoritarismos e da mentalidade de nós-contra-eles.

Enquanto plataforma – ainda que frequentemente discreta – de inovação e transformação, a tradução deu forma ao mundo em que vivemos de maneiras diversas e por vezes inesperadas, ora tornando-se instrumento atávico e blindado contra mudanças, ora preparando e ativando (r)evoluções. O presente volume pretende pensar os modos como a tradução enquanto «sistema circulatório» (Sontag 2007) de ideias, práticas discursivas, modelos, textos, formas estéticas é, ou pode ser, habitada por uma urgência calada

para atravessar fronteiras (muitas vezes a salto e, logo, irreconhecida) e de (r)evolução.

Sendo a tradução necessariamente habitada pela presença de um *alhures* num qualquer *aquí*, na medida em que é sempre atravessada por duas (ou mais) línguas, culturas, mundividências, o movimento para o(s) outro(s) que corporiza – mesmo quando se constitui esforço para apagar ou silenciar a alteridade –, as negociações, tensões e medos a ela associados implicam (talvez obrigatoriamente) que os tradutores sejam sempre habitantes de uma qualquer raia, à procura de contrabandear ideias, formatos, possibilidades.

Daí que o estudo da tradução possa pôr a descoberto insuspeitos territórios de resistência ao *statu quo*, assim como de rebelião contra silêncios, esquecimento, discursos dominantes e práticas do presente, abrindo-se assim como um gesto ora transgressor, ora aquiescente rumo ao futuro.

Este volume procura, pois, traçar um mapa provisório de alguns vínculos entre tradução e (r)evolução, no pressuposto de que ambos os conceitos se mobilizam reciprocamente em muitos lugares.

II. Manifesto. Para uma ecologia das línguas.

Each and every language construes the facticity of existential reality, of the 'given' (*les données immédiates*) in its own specific way. Each and every window in the house of languages opens on to a different landscape and temporality, to a different segmentation in the spectrum of perceived and classified experience.

(STEINER 1996: 150)

Este livro nasceu de uma ideia e deve entender-se como um gesto político, no sentido amplo da palavra. Num tempo em que, na academia, a globalização acontece frequentemente sob a égide e quase exclusiva hegemonia do inglês, importou-nos fazer um livro numa língua por muitos considerada «periférica», apesar dos seus mais de 200 milhões de falantes por todo o mundo.

As razões para este gesto não se prendem com formas de nacionalismo atávico ou provincianismo pueril, antes se alicerçam na convicção de que a língua é constitutiva de um modo de ver o mundo e em que, se aceitarmos sempre produzir conhecimento numa qualquer língua dominante – essa espécie

de *língua franca* –, isso produzirá uma geografia tendencialmente mais pobre, menos densa e menos complicada do humano. Como escreveu George Steiner, «[t]he extinction of a language, however remote, however immune to historical-material success or diffusion, is the death of a unique world-view, of a genre of remembrance, of present being and of futurity. A truly dead language is irreplaceable» (1996: 150). Dirão alguns que o português não morreu nem parece, felizmente, correr o risco de morrer. E, contudo, a língua vai sendo gradualmente deslocada de muitos lugares, alguns por vezes inesperados. Nos meios académicos europeus, por exemplo, o cultivo das línguas soçobra, em maior ou menor grau, às exigências de um mundo editorial dominado por práticas discursivas próprias da língua inglesa e que se arriscam a abafar outros modos de escrever, de pensar e de produzir conhecimento. Mais do que combater o domínio inegável da língua inglesa, importa-nos contrariar o impulso para a padronização do discurso crítico sob o impacto de um exercício autoritário e excludente de outras formas de pensamento e de expressão e produção de conhecimento.

Esta resistência à exclusão de outras línguas da arquitetura dos saberes pode assumir diferentes formas: a da recusa em publicar *apenas* em inglês; a da luta pela valoração paritária de conhecimento produzido noutras línguas, mormente em português; a de dar visibilidade aos processos de tradução que ocorrem, invisíveis, aquando da realização de encontros científicos em inglês, não escamoteando, antes exibindo, as formas particulares por que cada falante se traduz para essa outra língua de ninguém, rechaçando formas de pedantismo linguístico que, sobranceiramente, afastam aqueles que não dominam uma qualquer forma de inglês.

Subjacente a estas formas de resistência está a convicção de que a(s) epistemologia(s) se alicerça(m) em línguas concretas que constroem os edifícios de saber de um tempo e um espaço. Refletir sobre as (im)possibilidades da tradução ao longo dos tempos apenas, ou sobretudo, numa língua parece um oxímoro conceptual e prático, que urge desmontar.

Este volume nasceu, assim, de um convite-desafio a um conjunto de especialistas em Estudos de Tradução para que aceitassem produzir reflexão em português, na convicção de que a atitude cosmopolita se constrói no imbricamento de modos diversos de entender o mundo. Que o gesto não é provinciano nem se deve confundir com quaisquer desvarios nacionalistas atesta o facto de acolher investigadores de origens diversas (portuguesa, brasileira,

britânica e francesa). Trata-se de pôr em evidência o que deveria ser claro: o saber materializa-se sempre numa determinada língua, e essa língua *informa* e *enforma* o saber que se produz. Apesar de haver já muita reflexão sobre o impacto da tendência para o monolinguismo na ecologia dos saberes (Bennett 2014; Cronin 2017, só para mencionar dois exemplos), pouco se tem feito, na prática, para mitigar, ou mesmo contrariar, os efeitos pragmáticos no sistema de produção de conhecimento:

By systematically choosing centre practices and values over local ones, and perpetuating the hierarchy in their metadiscourse, many semiperipheral researchers are unwittingly colluding in the destruction of their traditional academic cultures. If unresisted, this will result in a loss of cultural specificity at all stages in the knowledge-making process, producing a situation of epistemological homogenization. (Bennett 2014: 244)

Esta coleção de ensaios procura, pois, ser um lugar de resistência à homogeneização epistemológica, por se acreditar que a heterogeneidade promove mais e melhor conhecimento e por se recusar que a quantidade e/ou a produção de um saber exclusivamente quantificável, descritivo e padronizado possa corresponder ao impulso maior das humanidades, que é – parece-nos – o de criticamente interrogar e complicar o mapa do humano, i.e., o de tudo questionar, inclusivamente as próprias questões, dependentes como estão do contexto e da posição/posicionamento de quem as enuncia. Ora, a utilização indiferente de *apenas* uma língua na produção e transmissão de saber afeta necessariamente quer as perguntas que se fazem como a indagação acerca dessas perguntas e questões. Opor resistência à homogeneização passa por refletir – e não aceitar acriticamente – sobre a *doxa* que se institui quando se aceita e promove a disseminação de conhecimento maioritária ou exclusivamente numa língua. Se Roland Barthes tinha razão ao afirmar que

la langue n'est pas épuisée par le message qu'elle engendre; qu'elle peut survivre à ce message et faire entendre en lui, dans une résonance solvante terrible, autre chose que ce qu'il dit, surimprimant à la voix consciente, raisonnable du sujet, la voix dominante, têtue, implacable de la structure, c'est-à-dire de l'espèce en tant qu'elle parle (1978: 13-14),

então aceitar produzir conhecimento apenas numa língua significará submeter-se à «teimosia» e «implacabilidade» de uma estrutura que obriga o falante a pensar de uma maneira apenas.

III. Sob o signo da vanidade: o tempo e a tradução

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

(CAMÕES 1994: 109)

Este volume é constituído por treze ensaios que refletem, de múltiplas formas, sobre a relação entre o impulso para (não) traduzir e o gesto revolucionário ou o seu amordaçamento ao longo dos tempos. Dividido em quatro partes e uma coda, *Mudam-se os tempos, mudam-se as traduções?* propõe uma reflexão diferenciada em torno da relação dos esforços tradutórios com impulsos de transgressão a ou, inversamente, de preservação do gosto dominante. Assim, a Parte 1 começa por discutir a recusa de mudança, entendendo-se a tradução como estratégia conservadora, de cristalização do familiar («Parte 1. O avesso da revolução: tradução como conservação»). De modos diversos, Alexandre Dias Pinto e Jorge Bastos da Silva discutem posicionamentos e tradutores (João Guilherme Cristiano Muller e Marquesa de Alorna, respetivamente) que rejeitam estratégias «revolucionárias», procurando acomodar textos e autores aos pressupostos da familiarização. Rita Bueno Maia e Miguel-Pedro Quadrio, por seu lado, discutem um mesmo caso, o dos exilados absolutistas em França e seu desaparecimento das instituições do literário, de perspetivas diferentes, mas à luz das suas repercussões posteriores como vencidos do liberalismo.

Na «Parte 2. Construção do “feminino” e do “erotismo” em tradução durante o Estado Novo», os contributos de Maria Lin Moniz, Marta Teixeira Anacleto e Maria dos Anjo Guincho refletem sobre o lugar da mulher e da sexualidade nas traduções durante o Estado Novo, discutindo os modos como o regime construía e limitava o papel das mulheres no espaço social através de livros recomendados ou censurados. Os casos particulares de Berthe Bernage

(Anacleto) e Françoise Sagan (Guincho), assim como o estudo panorâmico sobre a censura e as questões de sexualidade (Moniz), ilustram os circuitos do feminino em tempos repressivos.

Marie-Hélène Torres e Alexandra Lopes apresentam, na «Parte 3. A criança reinventada – a literatura infantojuvenil em tradução», estudos sobre literatura infantojuvenil em tradução, problematizando os modos como se imagina a criança em literatura e como se traduzem essas imagens de forma a torná-las exóticas e apetecíveis para um público diferente e assim construindo um imaginário potencialmente cosmopolita (Lopes). Por seu lado, Torres reflete sobre os modos como os tradutores podem tornar-se agentes visíveis na tradução de literatura para crianças.

Na «Parte 4. “E depois do adeus”: tradução e (r)evolução», Christine Zurbach, João Dionísio e Teresa Seruya centram-se na discussão dos efeitos que a revolução de 25 de abril de 1974 teve em traduções feitas nos anos 70. Seruya traça um quadro de gesto largo sobre o impacto da revolução nas tipologias dos textos traduzidos no rescaldo da viragem do regime. Zurbach detém-se sobre as transformações ocorridas no teatro e nas consequências que a mudança para a democracia teve na escolha de repertório. Dionísio estuda o caso particular de uma alternativa ao termo «saudade» enquanto expressão identitária de Portugal no contexto pós-revolucionário.

A última secção do volume leva o título de «Coda. É a tradução revolucionária? Discorrências teóricas, problemas práticos» e nela Karen Bennett discute desafios que se colocam à tradução no contexto da atual crise migratória e como aqueles, por um lado, dão forma à ação [agenciamento e a ética] de quem traduz e, por outro, obrigam a uma reflexão sobre a atividade de traduzir.

Os vínculos entre tradução e revolução não se esgotam naturalmente nos que o presente volume trata. Muito há ainda por pesquisar, pensar e estudar. Este é apenas um começo que traça o gesto e gosto (anti)revolucionários em contributos tradutórios e tradutológicos de tipo diverso desde o século XVIII aos nossos dias. Nesta obra, o impulso para pensar o lugar da revolução na tradução materializa-se num esforço duplo: na indagação dos momentos de transformação radical, ou sua recusa, em textos e épocas diferentes, mas também na forma – na rejeição da pretensão à exclusividade de modelos epistémicos alicerçados numa língua hegemónica e na resistência que lhe oferecem saberes e práticas veiculados numa língua a que alguns chamam «periférica»: o português.

Bibliografia citada

- ANZALDÚA, Gloria. 1987. *Borderlands | La Frontera. The New Mestiza*. San Francisco: aunt lute books.
- BARTHES, Roland. 1978. *Leçon*, s.l.: Éditions du Seuil.
- BENNETT, Karen. 2014. *The Semiperiphery of Academic Writing: Discourses, Communities and Practices*. London: Palgrave Macmillan.
- CAMÕES, Luís. 1994. *Lírica Completa II. Sonetos*, pref. e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Maia: INCM.
- CRONIN, Michael. 2017. *Eco-Translation. Translation and Ecology in the Age of the Anthropocene*. London and New York: Routledge.
- GUILLE, Francis Vernor. 1950. *François-Victor Hugo et son œuvre*. Paris: Nizet.
- RICŒUR, Paul. 2005. *Sobre Tradução*. Lisboa: Livros Cotovia.
- SONTAG, Susan. 2007. *At the Same Time. Essays and Speeches*, ed. Paolo Dilonardo and Anne Jump. London and New York: Hamish Hamilton.
- STEINER, George. 1996. *No Passion Spent. Essays 1978-1996*. London and Boston: Faber and Faber.